

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O RITUAL FUNERÁRIO NOS AGRI OLISIPONENSIS. NOVOS CONTRIBUTOS PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO

Alexandre Marques Gonçalves / Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas / alexandre.masmo@gmail.com

RESUMO

Nos últimos anos realizaram-se um conjunto de intervenções que permitiram a identificação e escavação de vários contextos funerários nos *agri* do Município Olisiponense, contribuindo assim para uma melhor caracterização destas manifestações no referido território.

Neste trabalho são apresentados alguns contextos funerários inéditos da zona mais ocidental da vasta área do Município Olisiponense, contribuindo assim para a sua caracterização num âmbito cronológico que se centra essencialmente no período entre Augusto e o início do século II d.C., quando o ritual predominante corresponde à cremação com deposição dos vestígios osteológicos humanos e cinzas em urna. O século II d.C. é marcado por profundas transformações no ritual funerário, de que se destaca a queda da prática da incineração, que entra progressivamente em desuso na passagem do século II para o III d.C., apesar das persistências tardias da sua utilização.

ABSTRACT

In recent years, a number of archaeological interventions allowing the identification and excavation of some funerary contexts in the *agri* of the *Olisiponense Municipium* were conducted, thus contributing to a better characterization of this region's related practices.

In this work, some of these contexts from the western area of the *olisiponense municipium* are presented in greater detail, spanning a chronological period between the emperors of Augustus and the beginning of the 2nd century AD, a time marked by profound changes in the funerary rite, chief among which is the transition from the practice of incineration – gradually abandoned during the turn from 2nd to 3rd century AD – despite the persistence of later use.

São apresentados neste trabalho alguns contextos funerários romanos inéditos, designadamente da Granja dos Serrões e do Casal do Silvério, Sintra, procurando-se depois enquadrá-los num quadro evolutivo do ritual funerário de um território específico, os *agri* do *municipium* de *Felicitas Iulia Olisipo*, no qual estão registados cerca de sete dezenas de sítios. Verifica-se, no entanto, que muitos correspondem a notícias antigas, muitas vezes pouco desenvolvidas e frequentemente impossíveis de confirmar actualmente, constatando-se assim que a grande quantidade de locais reconhecidos não é complementada por escavações ou publicações extensas (Monteiro, 2003). A maior parte dos locais reconhecidos correspondem a pequenas necrópoles associadas a *villae* ou a reduzidos aglomerados po-

pulacionais, ainda que aqui sejam também estabelecidos alguns paralelos com o ritual praticado nas cidades, designadamente em *Olisipo* (Figura 1).

1. GRANJA DOS SERRÕES

As escavações dirigidas por Claudia Belchior neste sítio arqueológico em meados da década de 1990 permitiram identificar uma ocupação que terá inícios possivelmente ainda no século I a.C. e que se prolongará até à Alta Idade Média (Belchior, 1995 e 1996). A fase mais antiga está documentada por um fragmento de cerâmica campaniense A, para a qual é proposta uma cronologia entre meados do século II a.C. a meados do século seguinte (Sousa, 1996, p. 56-57; Est. II, nº.15). Desta fase mais antiga regista-se ainda a re-

colha no local da inscrição funerária de “*Doreta*, filha de *Docquirus*”, patente na exposição permanente do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, datável da segunda metade do século I a.C.

Nas proximidades da *villa*, concretamente na orla setentrional do vasto campo de lapiás da Granja dos Serrões, foi escavada uma sepultura de incineração no âmbito de uma intervenção de emergência, não tendo sido possível determinar se no local existem outros contextos funerários. Não foi também observada a presença de qualquer evidência que suporte a realização de uma cremação em *busta*, pelo que pressupomos tratar-se de uma deposição secundária dos restos osteológicos e cinzas resultantes da cremação no interior da grande urna de cerâmica, dentro da qual se encontrava uma segunda urna de duas asas, contendo igualmente material osteológico (Silva, 1999). A datação sobre madeira carbonizada recuperada entre os fragmentos osteológicos do interior das urnas (referência ICN-1059) (Silva, 1999, p. 2) revelam as seguintes datas: 2010+/-50 BP, equivalente a 116 cal BC a 89 cal AD (*ibidem*).

A urna de maiores dimensões (Figura 3, nº. 1) tem uma pasta compacta com abundantes elementos não plásticos (ENP) de quartzo de média dimensão e mica menos frequente. A sua cor é castanha e a superfície apresenta vestígios de engobe igualmente castanho. Apesar destes grandes conteúdos corresponderem a formas de grande difusão e muito sujeitas a alterações regionais, sendo por isso difícil estabelecer paralelos com significados cronológicos precisos (Nolen, 1981, p. 111), a grande urna desta sepultura apresenta alguns paralelos formais com algumas peças da necrópole de Casal de Pianos, Sintra, designadamente com as urnas da sepultura 1, provenientes de um contexto datável da primeira metade do século I d.C. através da associação a outros materiais de cronologia mais fina (Monteiro, 2003, p. 21, Est. I, CPF/R/80/1 e CPF/R/80/11). Outros paralelos para estas urnas com bordo em forma de aba soerguida e com gargalo baixo podem ser encontrados na cerâmica comum da *villa* do Alto do Cidreira, Cascais, estando igualmente documentadas em Conímbriga, em camadas de época Flávia (Nolen, 1988, p. 123, Est. X, nº. 74) ou na urna C 4.1.(1) da necrópole de Santo André (Nolen e Dias, 1981, Est. VI), associada a um unguentário de vidro da época de Cláudio-Tito (*Idem*, p. 43).

A urna de menores dimensões e com duas asas (Figura 3, nº. 2), que se encontrava no interior da

peça maior, tem uma pasta de melhor qualidade de cor beije, pouco compacta e a superfícies externa conserva vestígios residuais de engobe castanho. Apesar de muito fragmentada e sem bordo, a peça conserva ainda assim o perfil praticamente completo, com o bojo arredondado e sem carena, com duas asas de fita. Apresenta paralelos formais muito próximos da urna 502 da necrópole da Horta das Pinas (Nolen, 1985, p. 131, Est. XLVIII), que Jeannette Nolen associa à peça B7.1 (1) da necrópole de Santo André que se encontra datada por associação a outros materiais do século I d.C., provavelmente de época Flávia (Nolen e Dias, 1981, p. 35;130, Est. XVI). Uma vez que na Granja dos Serrões está referenciada a presença de materiais de uma ocupação anterior ao século I d.C., será sempre difícil definir com precisão a cronologia das urnas funerárias recuperadas neste enterramento, já que não foi identificado outro tipo de espólio que permita uma aproximação cronológica mais específica ao contexto, para além das urnas de cerâmica comum. No entanto, quer o ritual utilizado, quer a tipologia dos materiais parecem convergir para uma cronologia que se pode situar em torno da viragem da Era, extensível eventualmente até aos Flávios.

2. CASAL DO SILVÉRIO

Este sítio arqueológico encontra-se referenciado na Carta Arqueológica de Sintra como necrópole romana, possivelmente associado a uma *villa*, conservando-se nas reservas do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas um conjunto bastante significativo de materiais arqueológicos que resultam de recolhas efectuadas naqueles terrenos por parte de munícipes. A quantidade de materiais justificam só por si um estudo mais detalhado, que não se enquadra no âmbito do trabalho agora apresentado, e que está a ser elaborado pelo signatário em colaboração com a antropóloga Filipa Cortesão Silva, responsável pelo estudo dos vestígios osteológicos humanos dos conjuntos funerários ali escavados em 2007 no âmbito de uma intervenção de emergência (Gonçalves, 2011a).

A realização daqueles trabalhos permitiu escavar várias sepulturas associadas a uma construção constituída por dois muros paralelos entre si e que se encontrariam originalmente ligados através de uma outra estrutura parcialmente destruída pela abertura da vala que motivou a intervenção. Os blocos e lajes de calcário encontram-se ligados entre si apenas por

terra argilosa e sem qualquer evidência de utilização de argamassa de cal, situação que parece reflectir uma construção pouco sólida, particularmente se tivermos em consideração que assentam directamente no substrato geológico de características argilosas. A ausência de telhas nos níveis de abandono associados à estrutura, ainda que não reflecta necessariamente a ausência de cobertura, parece também excluir a presença de um edifício funerário de maiores dimensões, do tipo mausoléu. A recolha de epigrafia no actual casal, provavelmente proveniente desta necrópole, autorizam uma possível relação entre estas construções e alguns tipos de monumentos funerários líticos, ainda que não seja fácil determinar qual a sua tipologia. Outra possibilidade a considerar na interpretação desta construção, será a de a mesma corresponder apenas à delimitação de um recinto funerário associado a um grupo, reflectindo eventualmente relações familiares.

Em estreita associação a esta construção, foram identificados e escavados pelo menos seis enterramentos, alguns deles particularmente afectados pela abertura da referida vala. Em pelo menos dois contextos verificou-se que foram arrastadas as cerâmicas e os conteúdos das urnas, ossos e cinzas, situação que torna difícil a distinção dos diferentes enterramentos. Por essa razão não é absolutamente claro que os contextos funerários identificados com os números IA e IB não possam corresponder efectivamente a dois enterramentos distintos ou apenas a uma sepultura contendo mais do que um contentor. Foi precisamente junto destes contextos mais destruídos que foram recolhidas as únicas evidências concretas de espólio votivo associado aos contentores funerários, sendo igualmente esta a única situação documentada de utilização de ânfora – do tipo Dressel 7-11/Classe 16 (Peacock e Williams, 1986, p. 117-119) – para deposição dos restos da cremação. Nas terras remexidas associadas à destruição destes contextos foram ainda recuperados alguns elementos de parede de ânfora do Vale do Guadalquivir, provavelmente de Dressel 20/Classe 25 (Peacock e Williams, 1986, p. 136), ainda que não tenha sido possível determinar se correspondem a um enterramento autónomo destruído ou se foram apenas utilizados alguns fragmentos como elemento de cobertura para outro contentor. A utilização de ânforas Dressel 20 como contentor funerário de cremações com deposição secundária está documentada nesta região, designadamente em quatro enterramentos da encosta de Sant’Ana, Lisboa

(Gonçalves, & alii, 2010). Para além dos contentores funerários de cerâmica registou-se ainda a presença de uma urna de chumbo, recuperada em muito mau estado de conservação, mas que tinha originalmente uma forma cilíndrica.

Todos os enterramentos do Casal do Silvério encontravam-se dispostos em torno da referida construção de pedra, claramente associados à mesma e sem qualquer sobreposição física de sepulturas (conforme figura 2), esta última situação análoga à necrópole de Casal de Pianos (Monteiro, 2003), reflectindo uma utilização pouco densa destas necrópoles rurais, ainda que noutras regiões se verifiquem pontualmente sobreposições físicas de alguns enterramentos, como em Valdoca (Ferreira e Andrade, 1966, p. 6).

O ritual utilizado nas cremações da necrópole de Casal do Silvério apresenta poucas variações, correspondendo sempre à sua deposição secundária em urnas, que foram depois colocadas directamente em covas abertas no substrato geológico argiloso. Em alguns enterramentos verificou-se que estas valas continham ainda algumas cinzas no seu interior, encontrando-se a urna depositada sobre elas, sem que no entanto aqueles contextos se possam confundir com cremações em *busta*. Na área escavada não foi também identificada qualquer evidência que se possa relacionar com a área de *ustrinum* que, presumivelmente, existiria associado ao espaço funerário.

A associação inequívoca de espólio registou-se, como se viu, apenas nos enterramentos parcialmente destruídos pela abertura da vala, aspecto que condiciona muito não apenas a percepção da composição dos conjuntos originais, mas também a sua localização precisa no âmbito específico do contexto funerário em análise, uma vez que a deposição do espólio poderia ter sido efectuada dentro da vala juntamente com as urnas e sem especial organização, ou ser colocado sobre aqueles contentores. A semelhança na composição dos dois eventuais conjuntos votivos, ambos com uma lucerna e com um potinho, parece reforçar a perspectiva de corresponderem efectivamente a dois enterramentos distintos, um em panela de cerâmica comum e o outro em ânfora. O estudo dos vestígios osteológicos, que se encontra ainda a decorrer, poderá ajudar a fundamentar ou esclarecer esta questão, designadamente através da possibilidade de determinar pelo menos um indivíduo distinto em cada contexto.

Apesar de se encontrarem muito incompletas, as duas lucernas relacionadas com o espólio daquelas

sepulturas correspondem, ainda assim, aos únicos materiais arqueológicos que permitem definir de forma mais precisa a cronologia do conjunto de enterramentos associados à construção. Os atributos conservados daquelas peças permitem a sua integração no grupo das lucernas imperiais de disco, apresentando uma delas a orla larga e decorada com uma coroa de óvulos, com a área do disco – que não se conservou – separada por uma canelura. Estes elementos aproximam-na da forma VII A de Deneuve, com paralelo nas formas 17, 18 e 20 da tipologia de Dressel-Lamboglia, que começam a surgir no início da segunda metade do século I d.C. (Deneuve, 1969, p. 165), com cronologias que se podem situar especialmente desde os Flávios até meados do século II (Pereira, 2008, p. 67).

A segunda lucerna recuperada encontra-se em pior estado de conservação, apenas com parte da orla separada do disco por uma canelura, registando-se ainda o arranque do bico com parte de uma voluta. Um fragmento muito reduzido de disco permite constatar que teria decoração, como aliás é frequente nestas formas, ainda que seja completamente impossível caracterizar os motivos representados. As características dos elementos conservados aproximam-se de algumas variantes da forma V de Deneuve, equivalente à forma Dressel-Lamboglia 11, com cronologias do século I d.C. (Deneuve, 1969, p. 126).

A pasta das duas lucernas é creme amarelada, fina e muito porosa, conservando na superfície vestígios muito residuais de engobe castanho, correspondendo provavelmente a produções béticas.

Os dois potinhos que integram igualmente os conjuntos votivos encontram-se, à semelhança das lucernas, muito fragmentados, apesar de se conservarem os principais elementos para determinar a sua forma. As pastas são cinzentas com algumas áreas castanhas, finas mas com alguns componentes não plásticos de quartzo e mica, com as superfícies cinzentas, embora uma das peças possa registar vestígios muito ténues de engobe castanho. As duas peças apresentam o bordo virado para o exterior e o corpo arredondado com um pequeno pé reentrante, registando-se ainda num deles vestígios de decoração com roleta no bojo. Estas formas têm paralelos, uma vez mais, no conjunto da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo, designadamente nos potinhos das formas 1 e 2 de Jeannette Nolen (1985, p. 114). A decoração do bojo com roleta surge nas formas da sua variante 1-a, datada da segunda metade do século I d.C. até inícios

do II (*Idem*, 1995/97, p. 374). Para as variantes lisas, que apresentam algumas semelhanças com a peça do Casal do Silvério são propostas cronologias desde a segunda metade do século I d.C. em diante, frequentemente a partir dos Flávios até ao século II (*Ibidem*). No caso das sepulturas do Casal do Silvério, a utilização de uma ânfora Dressel 7-11 serve também como indicador cronológico, já que se trata de uma forma produzida na Bética entre Augusto e os Flávios (Peacock e Williams, 1986, p. 117-119), e ainda que tenha sido recuperada em contexto secundário de utilização, a sua cronologia não deverá afastar-se muito das datas propostas para a sua produção, sendo coerente com os restantes materiais.

Os restantes contentores utilizados naquela necrópole como urnas funerárias são produções de cerâmica comum, tendo sido identificados três fabricos. O mais frequente é grosseiro, com abundantes ENP de quartzo de médias dimensões e mica menos frequentes, apresentando pastas de cor castanho-escuras ou cinzentas (Figura 3, 3-4). Um segundo fabrico tem características semelhantes com o anterior, mas a densidade de ENP é menor, originando uma pasta laranja mais fina e de melhor qualidade (Figura 3, 5). Um dos contentores recuperados – e não representado por se encontrar em restauro – apresenta um terceiro fabrico, com uma pasta laranja avermelhada com grande quantidade de ENP de quartzo de tamanho médio e grande, o que lhe confere um aspecto muito rugoso e grosseiro.

Todos os contentores têm a base plana e o bojo oval, registando-se uma maior diversidade formal ao nível dos bordos, que podem ser rectos e evasados ou contracurvados formando garganta interna. O primeiro tipo tem paralelos na cerâmica comum do Alto do Cidreira (Nolen, 1988, Est. X, nºs. 79) e corresponde a uma forma recorrente em várias épocas, enquanto o segundo tipo tem paralelos nos potes da forma IX-C-1 de São Cucufate, também com uma longa perduração temporal, destacando-se a sua presença no horizonte 1 de ocupação da *villa* (Pinto, 2003, p. 394), datado da segunda metade do século I d.C. ao primeiro terço da centúria seguinte (*Idem*, p. 145).

A ausência de espólio nos restantes conjuntos escavados nesta necrópole constitui de facto um aspecto relevante no estudo destes enterramentos, desde logo pela dificuldade em estabelecer limites cronológicos para os mesmos com base apenas nas urnas de cerâmica comum. A possibilidade de outros materiais terem sido colocados sobre o topo das urnas e que

por essa razão de posicionamento não se conservaram deverá naturalmente ser colocada, à semelhança do que se constatou para a metade superior daqueles recipientes, que não se conservaram intactos. No entanto, seria de esperar encontrar alguns vestígios de tais materiais durante o processo de escavação, o que não se verificou. Esta ausência persistiu com poucas alterações mesmo depois da realização de trabalhos de prospecção no terreno envolvente e ainda ao analisarmos alguns materiais em depósito nas reservas do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. O conjunto de materiais passível de enquadrar cronologicamente os contextos intervencionados no Casal do Silvério restringe-se, assim, às lucernas, aos potinhos de cerâmica cinzenta e ao contentor anfórico do tipo Dressel 7-11, que se podem situar no século I d.C., podendo alcançar a época flávia ou mesmo o início do século II. Para além daqueles materiais, a própria materialização do ritual funerário, com a utilização exclusiva da deposição dos vestígios osteológicos humanos resultantes da cremação dentro da urna, enquadra-se claramente nas práticas documentadas para o século I d.C. (Frade e Caetano, 1993, p. 864).

Do conjunto recuperado em escavação e em prospecções antigas naquele sítio, regista-se um possível fragmento de cerâmica de imitação de campaniense (Sousa, 1996, p. 45), estando a *terra sigillata* documentada apenas por nove fragmentos, dois deles de produção itálica sendo os restantes provenientes das oficinas do sul da Gália, tendo sido possível identificar um bordo da forma Dragendorff 24/25 com esta origem. Entre o material anfórico encontram-se representados os fabricos béticos, designadamente através da forma Dressel 7-11, que havia sido também já documentada em associação aos contextos funerários escavados. Entre estes materiais regista-se ainda a presença de elementos pertencentes a grandes contentores de cerâmica, designadamente bordos e fundos, mas também alguns fragmentos de vestígios osteológicos humanos com evidentes sinais de exposição ao fogo, materiais provavelmente resultantes da destruição de sepulturas de incineração e evidências, pois, de uma área funerária de maiores dimensões. Entre as produções de cerâmica comum foram também recuperados alguns fragmentos de prato, forma que para além de poder integrar os conjuntos votivos pode também ter sido utilizada como simples tampa dos grandes contentores funerários.

No actual casal agrícola da propriedade, situado a

algumas dezenas de metros da área recentemente intervencionada, foram localizados dois monumentos epigráficos de cariz funerário, designadamente uma estela datável do século I d.C., com a inscrição: CASSIA C F AMOENA. H.S.E., "*Cassia Amoena*, filha de *Cassio*, está aqui sepultada", e uma cupa com a inscrição: P SVLPICIVS P F GAL SEVERVS H. S. E., "*Publius Sulpicius Severus*, filho de *Publius*, (inscrito) na tribo Galéria, está aqui sepultado" (Ferreira, 1977). A escavação deste conjunto de enterramentos permite naturalmente um maior conhecimento sobre a necrópole do Casal do Silvério, no entanto a dispersão de materiais à superfície e mesmo a existência de epigrafia funerária no local indicam uma área funerária maior e mais complexa, devendo as conclusões aqui apresentadas serem válidas apenas para o pequeno sector já intervencionado. Ainda assim, note-se que entre os materiais recuperados à superfície, regista-se apenas a presença de *terra sigillata* itálica e sudgálica, espelhando uma relativa coerência para o conjunto de materiais, de superfície e de escavação, que podem definir uma cronologia em torno do século I d.C. que não deverá ultrapassar muito a época flávia, quanto à utilização da necrópole.

3. A GRANJA DOS SERRÕES E O CASAL DO SILVÉRIO NO CONTEXTO DO RITUAL FUNERÁRIO NOS AGRI OLISIPONENSIS

A prática funerária preponderante no século I e início do II d.C. é a cremação com deposição dos vestígios osteológicos humanos em urna, que corresponde também ao rito praticado nesta região em época pré-romana, verificando-se assim uma certa continuidade do ritual funerário, designadamente no tratamento dado ao corpo (Fabião, 1998). Em alguns cemitérios verifica-se mesmo uma utilização em continuidade do mesmo espaço, ainda que possivelmente com algum hiato temporal, como se verifica na necrópole de Santo André, Montargil (Viegas, 1981) ou em Freiria, Cascais (Cardoso e Encarnação, 1999).

Numa análise de síntese sobre as necrópole do Nordeste Alentejano, Helena Frade e José Carlos Caetano (1993) constata que naquela região a utilização de urnas é mais frequente no período cláudio-flaviano, podendo prolongar-se o seu uso alguns anos para além da etapa flávia, mas desaparecendo no século II d.C., justamente quando os enterramentos em cova com a deposição de espólio e cinzas misturados se

tornam mais frequentes. Esta alteração poderá documentar uma mudança de ritual com reflexos na expressão material do enterramento, onde a utilização da urna como contentor funerário, com algumas exceções, está documentada apenas durante o século I d.C., podendo corresponder a uma persistência do ritual da Idade do Ferro, situação verificada, por exemplo, na parte mais antiga da necrópole da Chaminé (Frade e Caetano, 1993, p. 864).

Aquela expressão material dos enterramentos, com deposição secundária do vestígio da cremação em urna, está também documentada na região olisiponense em contextos do século I d.C., designadamente na Granja dos Serrões, no Casal do Silvério, em Casal de Pianos (Monteiro, 2003), em Alenquer (Pereira, 1970) e em *Olisipo*, sob a actual rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001) e na necrópole da praça da Figueira (Gonçalves & alii, 2010), estando igualmente atestada a realização de cremações em *busta* em alguns destes locais. Para além daquelas sepulturas mais discretas, regista-se igualmente neste território a utilização de monumentos funerários com outra monumentalidade, muitos com epigrafia, de que se destaca o conjunto proveniente de São Miguel de Odrinhas-Faião, praticamente todos do século I e II d.C. (Cardim Ribeiro, 2013) e que estão igualmente associados à deposição secundária dos vestígios resultantes da cremação.

Ainda que na maior parte das necrópoles rurais deste território não tenham sido registados vestígios do local de *ustrinum*, a sua utilização depreende-se através da identificação de varias evidências, designadamente nas Almoinhas (Coelho & alii, 2006) e em *Olisipo* (Gonçalves & alii, 2010; Bugalhão, 2001). A sepultura da Granja dos Serrões pode documentar justamente uma destas situações, já que a presença de vestígios osteológicos de dois indivíduos (Silva, 1999, p. 9), para além de poder revelar uma cremação múltipla, pode também reflectir apenas a recolha acidental dos vestígios de mais de uma pessoa numa área de *ustrinum* com múltiplas utilizações.

A prática do rito da cremação continua em uso na região olisiponense durante os séculos II e III d.C., e talvez mesmo depois desta data, registando-se porém durante este período algumas transformações na expressão material da sepultura, desde logo através da forma da deposição dos vestígios osteológicos humanos. Nesta fase mais tardia parece verificar-se uma tendência para o abandono da utilização da urna como contentor funerário, passando agora os

vestígios resultantes da cremação a ser depositados directamente na vala ou em caixas construídas com diferentes materiais, sendo as cinzas e os ossos frequentemente misturados com o espólio votivo. A ausência de urna para deposição dos vestígios resultantes da cremação do corpo está também documentada na sepultura dois da necrópole do Casal do Rebolo, Sintra, o único contexto de incineração daquele cemitério que, apesar de parcialmente destruída, permitiu caracterizar estes aspectos do ritual, tratando-se também de um contexto tardio que pode alcançar a primeira metade do século III d.C. (Gonçalves, 2011b, p. 81). Situações semelhantes relativas à deposição de restos de cremações tardias registaram-se nas Almoinhas, Loures (Oliveira, 1996, p. 22; *Idem*, 1998, p. 35).

Este momento de transição está documentado na necrópole de Casal de Pianos, onde se verifica que as cremações com deposição secundária de cinzas e vestígios osteológicos em urna correspondem, de um modo geral, a contextos datados do século I ao início do II d.C., sendo três deles cremações em *busta* (Monteiro, 2003, p. 17). A deposição dos vestígios da cremação dentro das valas e misturados com o espólio no seu interior, sem utilização de urna, ainda que esteja já documentada em dois contextos de século I d.C. é claramente superior nas sepulturas dos séculos II e III d.C. (*Ibidem*), numa época em que noutras necrópoles regionais provavelmente se praticaria já a inumação.

AGRADECIMENTOS

Todos os desenhos de materiais que acompanham este trabalho são da autoria de Ana Neves e o mapa e planta foram feitos por Joel Marteleira, ambos do MASMO, a quem agradeço a preciosa ajuda.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1974) – A necrópole do Monte Farrobo (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. XIII, pp. 5-32.

ALARCÃO, Jorge de & ALARCÃO, Adília (1966) – O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. V, pp. 7-104.

BELCHIOR, Cláudia (1995) – A *villa* romana da Granja dos Serrões: resultados preliminares da escavação de emergência (1994). Relatório de escavação.

BELCHIOR, Cláudia (1996) – A segunda intervenção arqueológica na Granja dos Serrões – 1995 (Concelho de Sintra). Relatório de escavação.

- BUGALHÃO, Jacinta (2001) – A indústria romana de transformação e conserva de peixe em *Olisipo*: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: 15.
- CAETANO, José (2002) – Necropoles e ritos funerarios no Ocidente da Lusitania romana. In VAQUERIZO GIL, Desiderio, ed. – *Espacios y usos funerarios en el Occidente romano: Actas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Córdoba (5-9 junio, 2001)*. Córdoba: Universidad. Vol. I, pp. 313-334.
- CARDIM RIBEIRO, José (2013) – “Ptolomeu, *Geogr.* II, 5, 6: XPHTINA ou “APHTINA”, in volume monográfico editado pelo Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa [no prelo].
- CARDOSO, Guilherme & ENCARNAÇÃO José d’ (1999) – Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa Romana* de Freiria Norte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Volume Especial, II.
- COELHO, Manuela; RAMOS, Ana; FERREIRA, Ângela; PINTO, Marina (2006) – Relatório final dos trabalhos arqueológicos da villa romana das Almoinhas (Loures). Policopiado.
- DENEUVE, Jean (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área celtica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes.
- FERREIRA, Octávio (1977) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (3ª. Parte). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 83.
- FERREIRA, Octávio da Veiga & ANDRADE, Ruy Freire de (1966) – A necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. V.
- FRADE, Helena & CAETANO, José (1993) – Ritos Funerários Romanos no Nordeste Alentejano. In *II Congresso Peninsular de História Antiga – Actas* (Coimbra, 1990). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,
- GONÇALVES, Alexandre (2011a) – Relatório dos trabalhos arqueológicos de emergência na necrópole do Casal do Silvério (Sintra).
- GONÇALVES, Alexandre (2011b) – *A necrópole romana do Casal do Rebolo, (Sintra)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.
- GONÇALVES, David; DUARTE, Cidália; COSTA, Cláudia; MURALHA, João; CAMPANACHO, Vanessa; COSTA Ana; ANGELUCCI, Diego (2010) – “The Roman Cremation Burials of the Encosta de Sant’Ana (Lisbon, Portugal)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13: 1.
- MONTEIRO, Margarida (2003) – *A necrópole romana de Casal de Pianos, Sintra*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.
- NOLEN, Jeannette (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, Jeannette (1988) – A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra, XXVII, pp. 61-140.
- NOLEN, Jeannette (1995-1997) – Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 13/15, pp. 347-392.
- NOLEN, Jeannette & DIAS, Luísa (1981) – A necrópole de Santo André. Os materiais (II). *Conimbriga*. Coimbra. XX.
- PEACOCK, D. & WILLIAMS, D. (1986) – *Amphorae and Roman Economy*. London: Longman.
- PEREIRA, Carlos (2008) – *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) – O dolium cinerário com *skyphos* vidrado a verde da necrópole de Paredes (Alenquer). *Conimbriga*. Coimbra. 9.
- PINTO, Inês (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Coleção teses. Lisboa: Universidade Lusitana.
- SILVA, F. (1999) – *Estudo de restos ósseos cremados descobertos na Granja dos Serrões (Relatório)*.
- VIEGAS, João (1981) – A necrópole de Santo André (I). *Conimbriga*. Coimbra. XX, pp. 5-31.



Figura 1 – Localização da área do Município olisiponense no mapa da Península Ibérica com a indicação dos principais sítios referidos no texto: 1: Granja dos Serrões, 2: Casal do Silvério, 3: Casal de Pianos, 4: Casal do Rebolo, 5: Almoinhas, 6: Alto do Cidreira, 7: Freiria, 8: São Miguel de Odrinhas. © Joel Marteleira / Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas

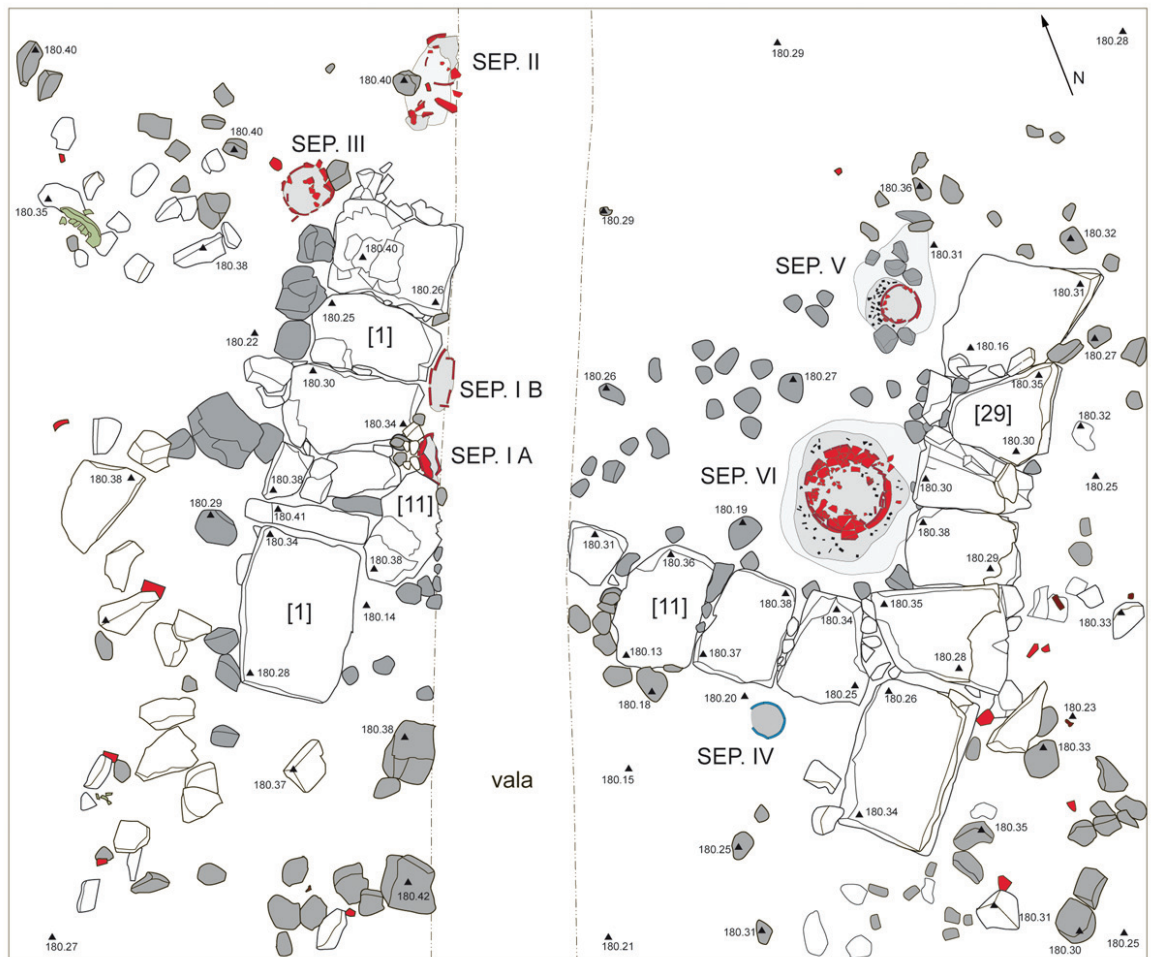


Figura 2 – Planta da construção escavada na necrópole do Casal do Silvério com a localização das sepulturas identificadas. © Joel Marteleira / Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

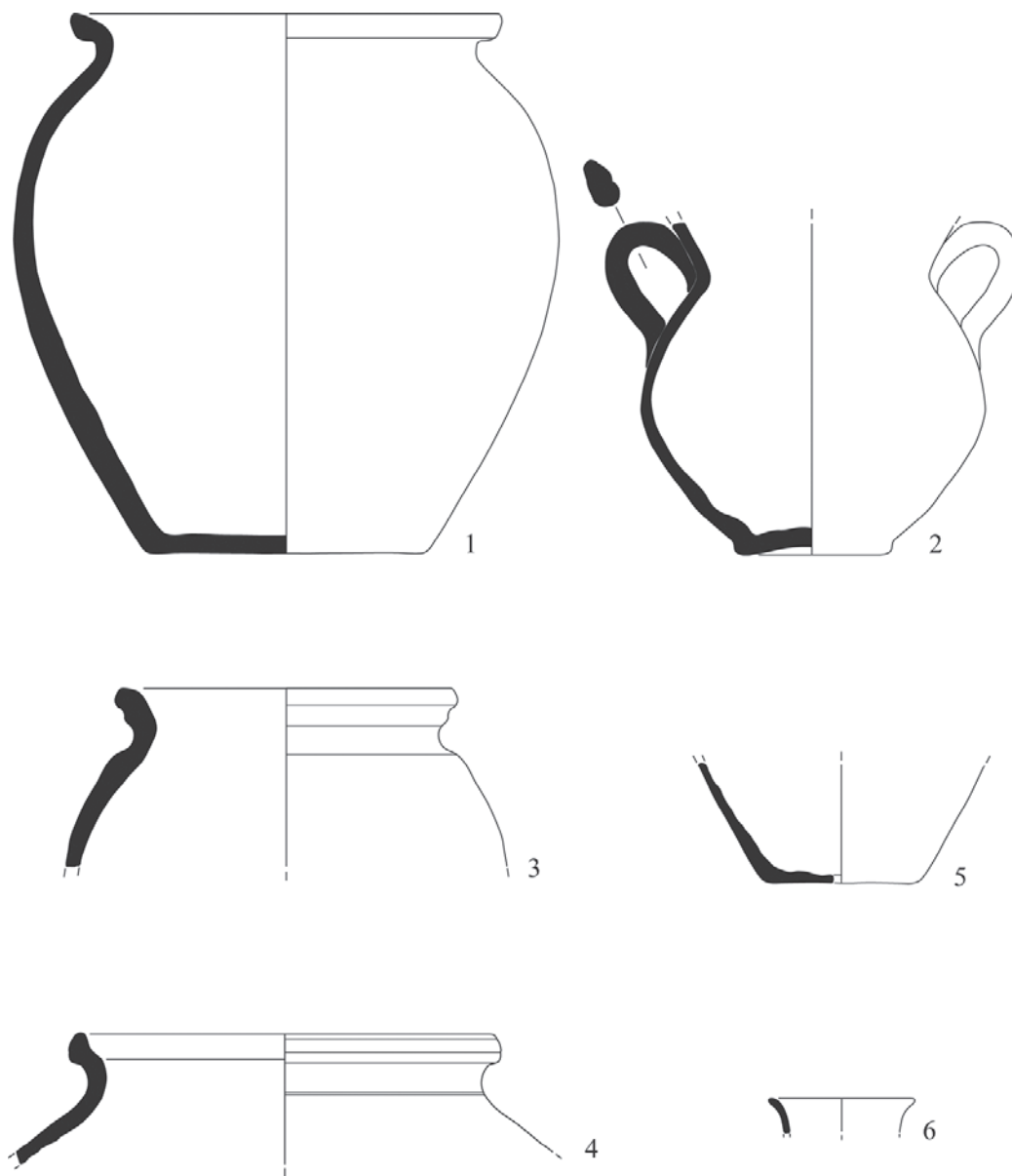
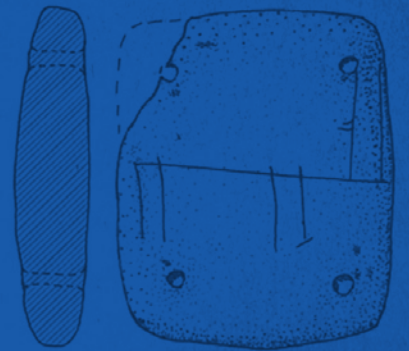
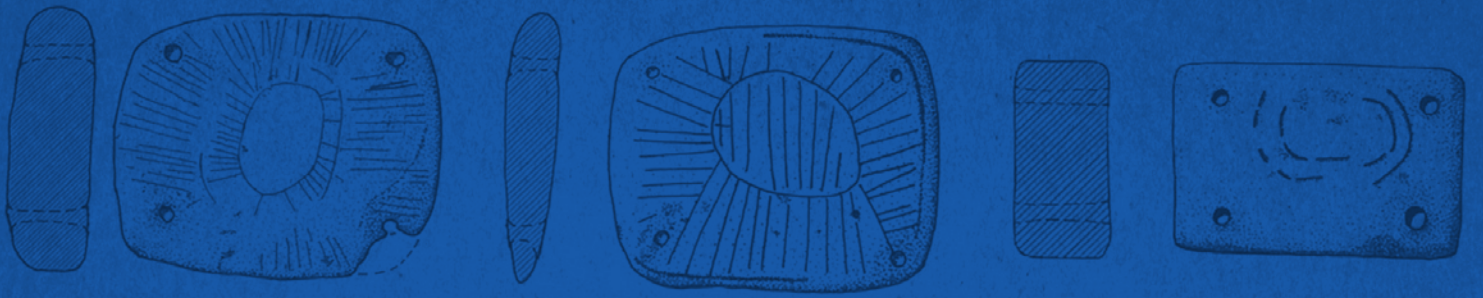
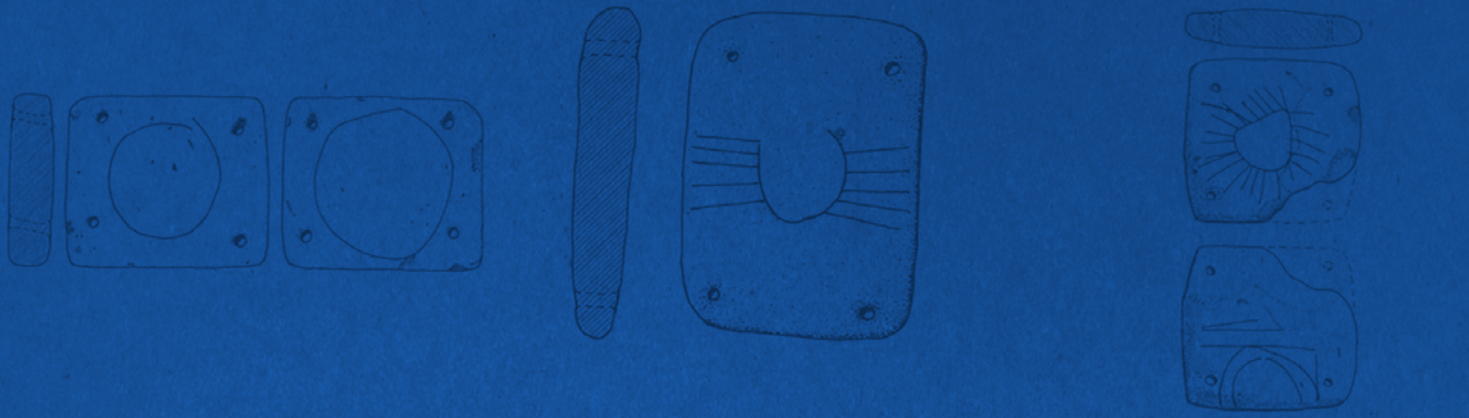
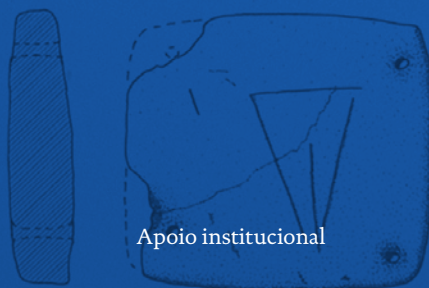


Figura 3 – 1-2: Urnas da Granja dos Serrões; 3 a 5: urnas do Casal do Silvério; 6: bordo de potinho de pasta cinzenta da mesma necrópole. Com exceção da urna 1, representada à escala 1/4, todas as outras peças estão à escala 1/3. © Ana Isabel Neves, Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas

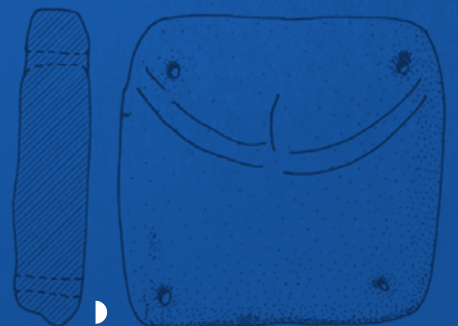


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua